



ARTES PLÁSTICAS

Clarice Lispector

Diante do que é grande demais

QUANDO não sei onde guardei um papel importante e a procura se revela inútil pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar que lugar escolheria? As vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase "se eu fosse eu" que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar. Diria melhor, sentir.

E não me sinto bem. Um vago mal-estar diante dessa criatura que eu seria se fosse realmente eu. Um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara.

Já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas, e mudavam inteiramente de vida. Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua porque até minha fisionomia teria mudado. Como? Não sei.

Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Acho, por exemplo, que por um certo motivo eu terminaria presa na cadeia.

Se eu fosse eu daria tudo o que é meu, e confiaria o futuro ao futuro.

Mas "se eu fosse eu" parece representar o nosso maior perigo de vida, parece a entrada nova no desconhecido.

No entanto, tenho a intuição de que — passadas as primeiras loucuras da orgia comigo mesma, teria enfim a experiência do mundo. Bem sei, experimentaria também, em pleno, a dor do mundo. E sentiria a minha própria dor, aquela que, por covardia explicável, aprendemos a não sentir.

Sim, mas também seria por vezes tomada de um êxtase de alegria pura e legítima — que mal posso adivinhar.

Não, acho que já estou de algum modo adivinhando — porque de repente me senti sorrindo. E também senti uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais: a vida.

1973

Recebi de um leitor, João Bosco de Araújo Moreira, uma página com o título de Declaração de votos. A mensagem que me enviou foi lavrada no 3º Ofício de Notas, de Belo Horizonte: Cartório Triginelli. Assim autenticada, segue-se a declaração de João:

"Declaro, para os devidos efeitos, que, baseado em inúmeros artigos e respectivos parágrafos da Constituição (irrevogável) de nossa amizade, desejo-lhe neste fim de ano:

Um Natal cheio de sinais interiores replicando em suaves prestações. Uma passagem de ano que encontre você sorrindo para os seus e ao mundo. E um ano novo, como direi? por exemplo,

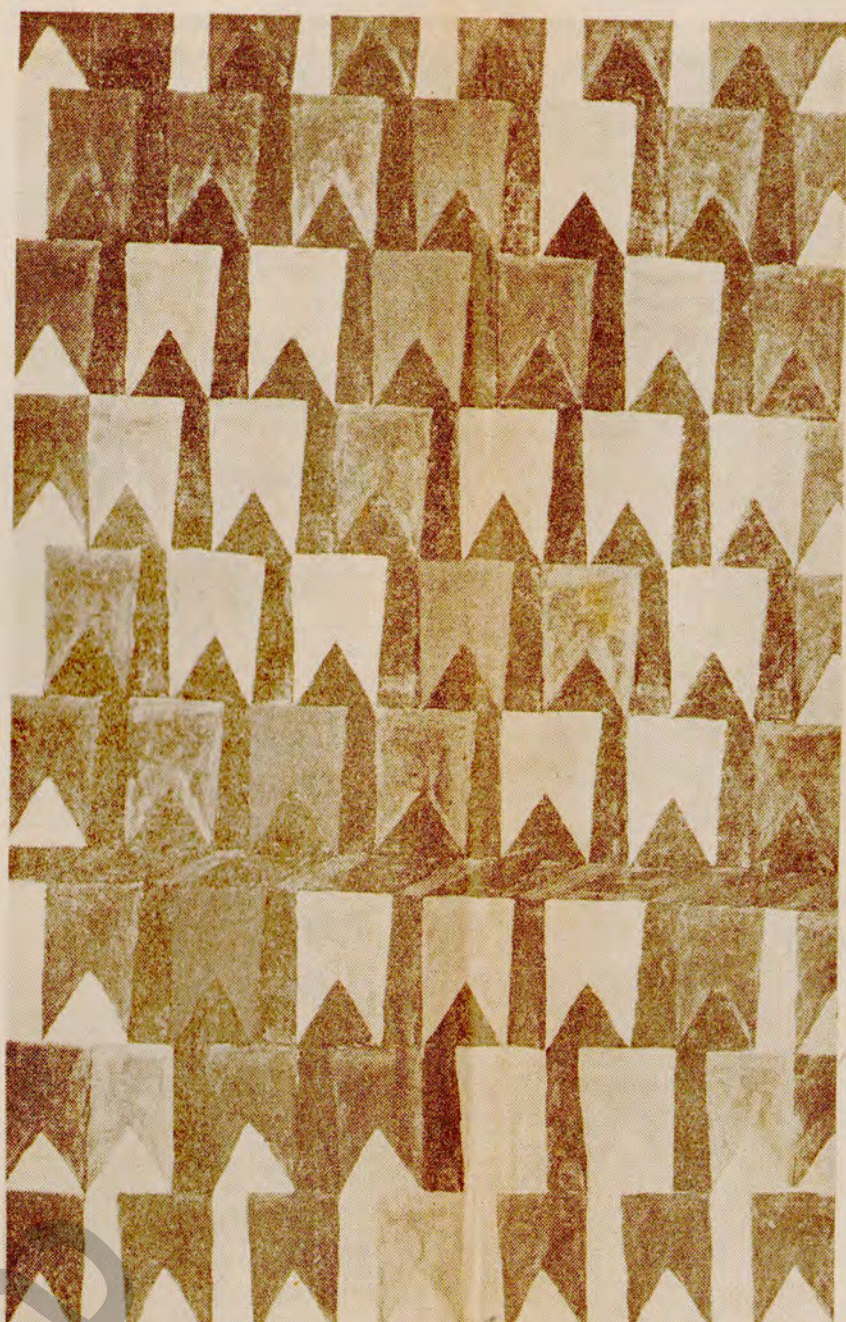
desejo que você acerte na Loteria Esportiva. Não receba visitas na hora da novela, nem pague excesso de telefonemas. Vá a Londres, Paris, e, se der pé, ao Mineirão. Veja diversos bangue-bângues. Pague um sorvete para o pobre comprar um sorriso. Consiga ver um disco voador, descubra nova fração da verdade e outra marca de vinho. Contribua para que o Brasil chegue a campeão mundial de transigência. Guarde e umas piadas de Nenem Prancha e umas frases de Hugo Bidet para me contar num dia desses. Vibre com a posse do seu vereador. Encontre na esquina, no jardim, na igreja, na simplicidade, no amigo, no detalhe, no livro, na surpresa, no amor, na mágica, aquilo que você procura. Esteja em sintonia com seu sonho, tentando construir seus dias com pedaços de luz. E suba diariamente na vida, melhor dizendo, procure sempre o horizonte mais alto para enzerigar mais longe, melhor compreender e mais depressa perdoar. Exercite seu dom de pressentir a próxima chuva, a próxima alegria, o próximo espanto, o próximo encontro, a próxima estação, o próximo fenômeno, a próxima palavra, o próximo minuto, a próxima fase, na antevista de sua gradativa e harmoniosa integração no seio do universo. Assorvie debaixo do chuveiro um sambinha do último festival. Reze pela alma dos jovens sacrificados na guerra por causa do egoísmo dos velhos. E entenda os jovens de Woodstock que estão morrendo drogados e marginais, por repelirem as mentiras dos velhos. Compre um canário no mercado, aquela camisa envenenada da Lui e aquele sapato do Guido. Não precise bater ponto, reconhecer firma e frequentar a burocracia. Consiga que seu diálogo com o sol e o mar fale à brisa. Veja as coisas de tal forma e com tal intensidade que acabe saindo de dentro de sua casca para abraçar as criaturas e falar com elas. Mande tirar aquele grilo na porta do carro. Repare que nossa amizade precisa atravessar 1973 incorporando renovadas motivações a fim de podermos sentir melhor o cheiro de novos e muitos Natais.

Estando, pois, certo e declarado quase nada de tudo o que tenho a dizer-lhe, não aproveitarei o ensejo para apresentar saudações convencionais, em respeito à ocasião muito particular.

Beló, Mundo, nas proximidades do fim do ano sem-graça de 1972."

E a assinatura: "João Bosco de Araújo Moreira, seu já e leitor."

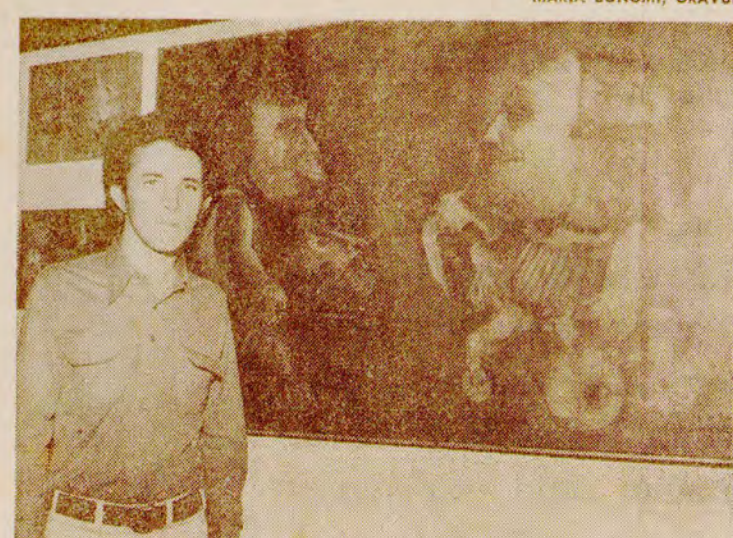
Desejo a você, João, tanta coisa boa nos próximos anos que nem sei dizer. Levei a sério, mais do que seus votos, os conselhos implícitos na Declaração. E mais: considere estas minhas palavras autenticadas num cartório, 3º Ofício de Notas.



VOLPI, O MELHOR DO ANO



MARIA BONOMI, GRAVURA NO MAM (RESUMO 15)



SIRON, REVELAÇÃO DO ANO

COLHANDO PARA TRÁS

O ano de 1972 assistiu a uma verdadeira convulsão no mercado de arte e, em consequência disso, viu brilhar uma série de atitudes coerentes com a preservação do verdadeiro sentido do trabalho criador. Esta coluna abriu fogo contra os leilões desonestamente forjados, a que se seguiu declaração do marchand de vanguarda Ralph Camargo e mais recentemente do artista Wesley Duke Lee, rompendo com o sistema vigente de mercantilização artística.

Apesar de haver criticado que se prestou a co-piloto de leilão e camelo de mercador de quadros, a crítica de arte ficou definida por seu repúdio à falsa valorização, à farsa da venda maciça, ao absurdo de se formarem leilões, demasiados frequentes, com obras de artistas em plena atividade e cuja desistível importância e grande produção invalidam a atitude de leilão, o que só caberia a raridade ou levantamento postumo.

VITÓRIA

A crítica de arte obteve em 1972 mais uma vitória, na concessão do Prêmio Estácio de Sá, do Museu da Imagem e do Som, ao presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte, a única oficialmente representativa no Brasil da Associação Internacional de Críticos de Arte. Antônio Bento, presidente da ABCA, por sua vida dedicada à promoção da criatividade, à defesa da legítima profissão do crítico, pelas obras publicadas e cargos de representação em bienais internacionais e nacionais, reuniu todas as prerrogativas para a obtenção deste Prêmio estadual. Ainda sob a égide de Antônio Bento, e na ocasião de sua reeleição, a ABCA promoveu a Semana da Crítica de Arte, com várias atividades didáticas, uma resenha completa de curtas-metragens nacionais sobre artes plásticas e a concessão de um prêmio, por votação democrática de seus associados, ao crítico Carlos Cavalcanti.

O mercado de arte brasileiro, na mão de muitos oportunistas, estourou demais e acabou estourando-se. Obras que no exterior não valem um centavo, isto é, que não têm posição no mercado internacional, foram aqui avalladas a preços de mestres internacionais do modernismo. Muitos dos jovens artistas ficaram embriagados pela perspectiva do comprador eufórico e motivado pela sofisticada de participar de um processo cultural, e supervalorizaram suas obras. Quem teve a paciência de aprofundar um pouco o problema viu que tudo era encenação, que os propalados mestres de última hora valiam cada vez menos. Enquanto isso, agradava o exemplo de um homem da dignidade de um Iberê Camargo, lutando heroicamente contra a poluição sonora, construindo seu atelier e expondo sua obra, com a devida discrição e realidade valorativa. Os bons, aliás, não estão nem estiveram aticados pelo pó-de-mico dos falsificadores de si mesmos.

Por falar em falsificação, andaram aparecendo por aí os falsos Vol-

pi, Chico da Silva, Heitor dos Prazeres, Milton Dacosta. Alguns deles, passem, tiveram galeria de arte como intermediário. Parece que a gang da falsificação de obra de arte está se preparando, e com razão. Com tais vendedores e tais compradores, ambos os lados dopados por um carnavalesco de incompetência, nada de melhor se poderia esperar. Resta alertar as autoridades para uma ação, em 1973, no sentido de aplicar o devido correto a esta raça sub-reptícia e esperta. É preciso, sobretudo, que homens como Edson Mota não abandonem a arena. De uma soma de vezes, atitudes e alarmas, é que se fará algo de positivo em termos de saneamento.

1972 foi o ano da explosão do múltiplo. Duas coletivas importantes, a da Petite Galerie e a da New Style, marcaram a estação. Infelizmente a Petite, promovendo um concurso que poderia ter marcado o momento, não concedeu prêmio. Um concurso sem prêmio é uma promoção esvaziada e desmoralizadora, para quem concorre e para quem promove. Vivemos uma salutar aproximação das grandes empresas, bancos, financeiras, indústrias, alto comércio, etc., do âmbito da promoção artística, granjeando publicidade em troca de patrocínios artísticos. Surgiu assim o Centro Lume, a Securit organizou exposições no Rio e em São Paulo, a Galeria Ceilina abriu loja em Brasília e São Paulo, com exposições, etc. O Ministério da Educação e Cultura, através de seu órgão cultural, a revista *Cultura*, homenageou em números especiais a Bienal de São Paulo e a Semana de Arte Moderna. Aliás, a comemoração

OS QUE VOLTAM

Em 1972 tivemos de volta Rossini Perez, o grande gravador há tantos anos residente na Europa, e a visita estimulante de Sérgio Camargo, o artista brasileiro de maior cotação internacional, bem como de Ivã Frelitas, pesquisando arte cinética em Nova Iorque. O Museu de Arte Moderna apresentou um número razoável de boas exposições: Bonnard, Klee, Omar Rayo, Bienal de Desenho Industrial, Maria Bonomi (Resumo J.B.), Cartões de Aluisio Magalhães, Circum-ambulação de Ana Belá Geiger, Davide Volpi. Houve a fundação do Museu Chafara do Céu da Fundação Castro Maia. A grande mostra nacional do ano foi a retrospectiva Volpi no Museu de Arte Moderna. Numa pequena galeria a Chica da Silva, tivemos o reaparecimento de um mestre do nosso modernismo, o catarinense Martinho de Ha-

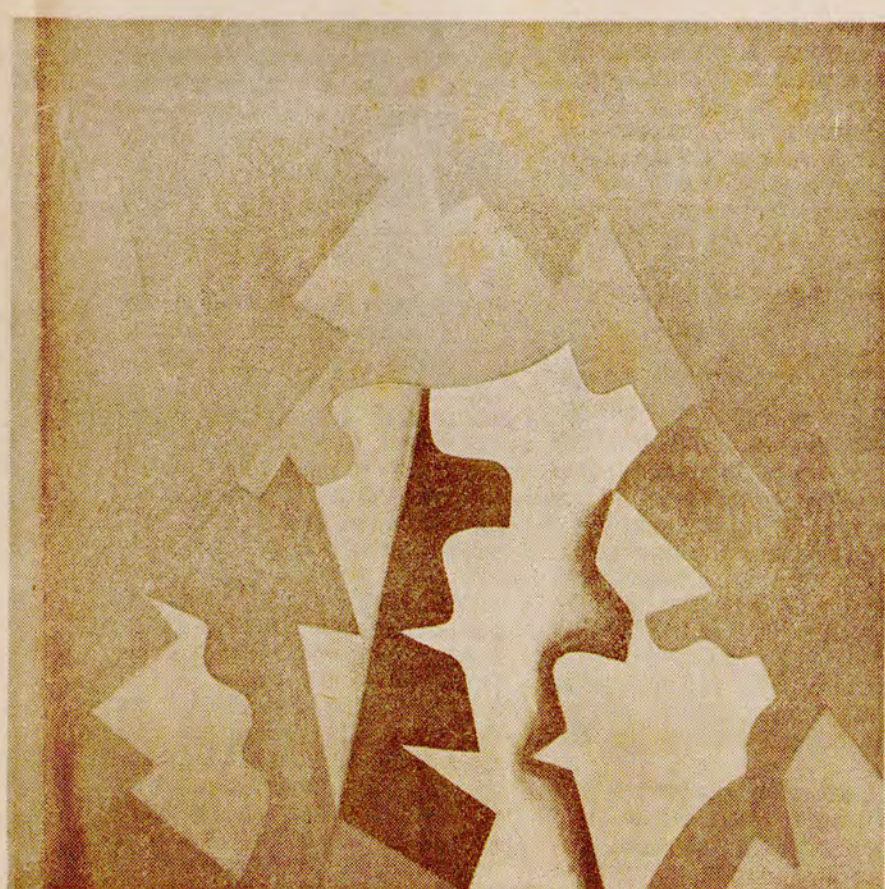
ro. Duas revelações foram devidas ao Museu de Arte Assis Chateaubriand, de São Paulo, das obras de Henrique Alvim Correia e João Augusto Gerlinger. Ainda em São Paulo tivemos, no Museu de Arte Moderna, o panorama da arte brasileira, dedicado este ano à escultura e objeto. Prêmios para Toyota e Ascanio MMM. O Museu Nacional de Belas-Artes, com a remoção da Escola Nacional de Belas-Artes, ganhou um esplêndido espaço que será ocupado, possivelmente, com um departamento de arte contemporânea. Será assim o museu mais completo do país.

Enquanto isto, o Salão Nacional de Arte Moderna esteve caindo aos pedaços, num de seus anos mais infelizes, com alguns prêmios injustos e montagem deficiente, além da má administração interna e impraticabilidade do seu regulamento com vistas aos novos rumos da criatividade. O calendário de exposições deixou um bom saldo, com mostras importantes de Lolo Persio, Inácio Rodrigues, Ascanio MMM, Toyota, Roberto Moriconi, Maria Leontina, Paulo Roberto Leal, Haroldo Barroso, Marina Nazare, Arcangelo Janelli, Flávio Tavares, Miguel dos Santos, Antônio Francisco dos Santos, etc. Somam-se a estas as já citadas mostras do MAM do Aterro. A revelação jovem do ano foi o goiano Siron Franco, com uma pintura fantástica de alto nível. A Bienal de Paris, em nova fase, designou dois críticos brasileiros (o titular desta coluna e o crítico Antônio Bento) para a indicação de nomes entre os quais serão escolhidos os representantes brasileiros ao certame internacional francês a realizar-se em maio. A Bienal de Veneza teve um dos bons momentos em termo de representação brasileira, com obras de Frans Weismann, Paulo Roberto Leal e Humberto Espindola.

PRIMITIVOS

A arte primitiva brasileira obteve um prêmio internacional na Bienal de Arte Primitiva de Bratislava, sendo nosso comissário a crítica de arte Ceres Franco. Assistimos a uma salutar aproximação da indústria com a arte, especialmente nos projetos apresentados na Pré-Bienal de São Paulo. Em São Paulo houve um surto de inauguração de novas e ótimas galerias: Ipanema, Urano, Collectio, A Galeria e Múltipla. A gravura brasileira deu uma boa sacudida, especialmente depois do depoimento de Orlando Silva, gravador e mestre de gravura, alertando para a calamidade da falta de ateliers e centros de ensino das técnicas de gravar. Maria Bonomi, Edite Behring, Ana Leticia, Teresa Miranda, Vera Mindlin, Emanuel Araújo, Rossini Perez, o justo prêmio a Newton Cavalcanti (Salão Nacional de Arte Moderna), Vanda Pinheiro Dias, Vera Chaves Barcelos, etc. Este, em poucas palavras, um panorama do ano que passou. De qualquer forma um ano agitado e de grandes decisões para o fortalecimento do processo de criação e comunicação.

WALMIR AYALA



LOLO PERSIO, INDIVIDUAL NO COPA